

A NUÁRIO ' 2021

DA AVICULTURA INDUSTRIAL

ISSN 1516-3105

Nº 10|2020 | ANO 112 | Edição 1304 | R\$ 45,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



Com PIB em alta, agro bate recordes produtivos

Em ano extremamente desafiador, agronegócio supera dificuldades e reforça seu papel de motor da economia brasileira, com expectativas de avanços ainda mais significativos nos próximos anos

EXPORTAÇÕES

O mercado asiático permanece como o principal destino da carne brasileira de frango

MERCADO INTERNO

Consumo per capita cresce, absorvendo o leve aumento da produção neste ano



ACESSE A VERSÃO DIGITAL
DESSA EDIÇÃO

A AVICULTURA BRASILEIRA E O MERCADO MUNDIAL DAS CARNES

A evolução da produção de carne de frangos nos países apresenta certa normalidade. Os Estados Unidos se mantêm como maior produtor e apresenta uma trajetória de crescimento da sua produção. A principal novidade é o forte crescimento da China, que em 2019 tornou-se o segundo maior produtor mundial, ocupando a posição até então do Brasil

Por | Dirceu J. D. Talamini¹ e Franco M. Martins¹

A ocorrência da Peste Suína Africana (PSA) na China, no segundo semestre de 2018, tem causado grande impacto nas cadeias da proteína animal de todo o mundo, afetando a produção, o comércio internacional e o consumo das carnes. Dados publicados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), apresentados na Figura 01, mostram uma significativa redução na produção mundial de carne suína. Tomando como referência o ano de 2018, quando a produção mundial desta carne atingiu perto de 113 milhões de toneladas, caiu em 2019 para 101 milhões de toneladas e a previsão para 2020 é de situar-se em 98 milhões de toneladas. Esta expressiva redução na disponibilidade induziu um novo dinamismo no mercado das carnes. A eliminação de rebanhos suínos na China, com o intuito de erradicar a PSA, é considerada a principal causa da queda na produção do país, fato que estimulou a expansão da produção da carne de frango e bovina. A cadeia produtiva do frango, por ter um ciclo de produção mais curto, apresentou maior crescimento da sua oferta. A carne bovina, por sua vez, por ter um ciclo de produção mais longo, teve uma resposta mais modesta. As projeções indicam que a produção mundial de carne de frango supere a da carne de suínos em 2020 e mantenha-se na liderança nos anos futuros.

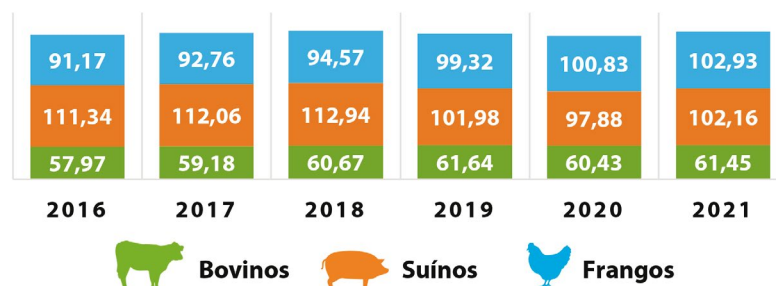
As exportações mundiais apresentaram um comportamento diferenciado para cada tipo de carne. Devido a intensificação das compras da China, comparando os volumes previstos para 2020 com os de 2016, verifica-se que a carne suína teve o maior crescimento, cerca de 33%, seguida pelas exporta-

ções de carne bovina com 20% e de frangos com 11%. As projeções para 2021 sobre 2020 mostram estabilidade nos volumes comercializados das carnes suína e bovina e um crescimento adicional de 2% da carne de frangos, conforme mostra a Figura 02.

A INFLUÊNCIA DA CHINA NO MERCADO DAS CARNES

Para analisar o que está ocorrendo no mercado mundial de carnes é indispensável verificar o efeito da PSA na produção de suínos da China. A Figura 03 mostra que em 2018, último ano de normalidade da suinocultura chinesa, a produção no país atingiu 54 milhões de toneladas, cerca de 48% das 113 milhões de toneladas que foi a produção mundial. Em 2019 a produção do país caiu para 42,5 milhões de toneladas e no ano seguinte para 38 milhões de toneladas. A previsão é de que inicie em 2021 a recuperação do seu crescimento quando deve alcançar 41,5 milhões de toneladas. As informações disponíveis indicam que duas iniciativas complementares estão em curso. A primeira refere-se à eliminação dos rebanhos infectados com o descarte dos animais resultando na redução da produção. A segunda, trata da recuperação da

Figura 01. Produção mundial de carnes, milhões de toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)





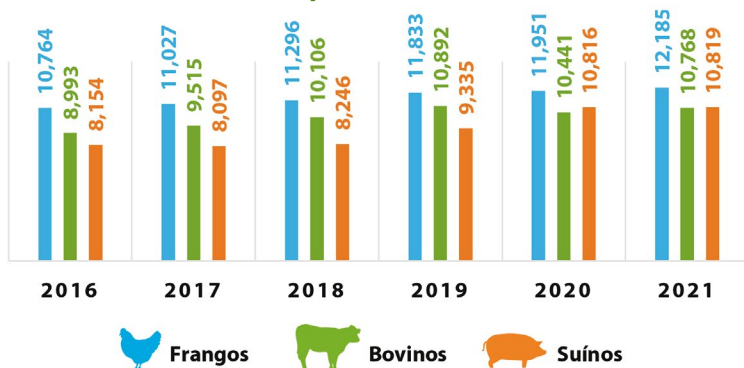
Crédito: Anton Zolotukhin/Shutterstock

capacidade de produção de suínos do país com a implantação de novas criações, com tecnologia avançada, substituindo os pequenos rebanhos, de baixo uso de tecnologia, que foram eliminados. Esta decisão de modernizar a cadeia produtiva deve levar a uma maior necessidade de importações de milho, soja e outros ingredientes para a produção de rações balanceadas para alimentar essas novas criações. Em 2018 a exportação mundial de carne suína atingiu pouco mais de oito milhões de toneladas. Este valor serve como referência para o tamanho e a importância da redução de perto de 11 milhões de toneladas da produção chinesa e do seu impacto na disponibilidade mundial da carne suína. Quanto à evolução da produção das outras carnes nesse país, constata-se que a produção de carne de aves deve ter um crescimento significativo, atingindo 15,3 milhões de toneladas em 2021, valor 30% maior que o de 2018. A previsão para a bovinocultura, cadeia de ciclo mais longo e que exige mais recursos é de um crescimento mais modesto. Comparando as previsões de produção total de carnes para 2021 com o volume produzido em 2018, observa-se um déficit de 8,5 milhões de toneladas

de carnes a serem importadas de outros países ou substituídas por outras fontes de proteína.

Outra informação relevante refere-se ao comportamento das importações chinesas de carnes após a PSA (Figura 04). Novamente comparando os números de 2018 com as previsões para 2020 constata-se que as importações de carne suína passaram de 1,5 para 4,8 milhões de toneladas, ou seja, cresceram mais de três vezes no período. A importação de carne bovina ocupou a segunda posição em volume e cresceu duas vezes no período. A importação de carne frangos cresceu percentualmente quase o mesmo que a suína, apesar do volume ser menor do que o das outras carnes. As previsões de importações de carnes para 2021 totalizam 8,3 milhões de toneladas, praticamente recompondo a queda interna de produção que foi de 8,5 milhões de toneladas. Os números das importações chinesas são robustos e estão impactando o setor de proteína animal mundial. Mostram a preferência dos chineses pela carne de suínos e o crescimento da produção e importação da carne de aves a qual, como no resto do mundo, está conquistando o seu espaço também nesse país. A previsão de redução a partir de 2021 dos volumes importados

Figura 02. Exportação mundial de carnes, milhões de toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)



pela China da carne de suínos e de frangos indicam uma recuperação da produção de suínos e o crescimento da produção de aves do país. Quanto às importações chinesas de carne bovina, o incremento do volume anual já vinha ocorrendo antes do surto de PSA no país, o que sugere crescimento da renda e mudança das preferências de consumo da população, com um aumento do consumo per capita desta carne. Esta mudança representa um importante sinal para os países exportadores de carne bovina, dentre eles o Brasil.

Figura 03. China: produção de carnes, milhões de toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)

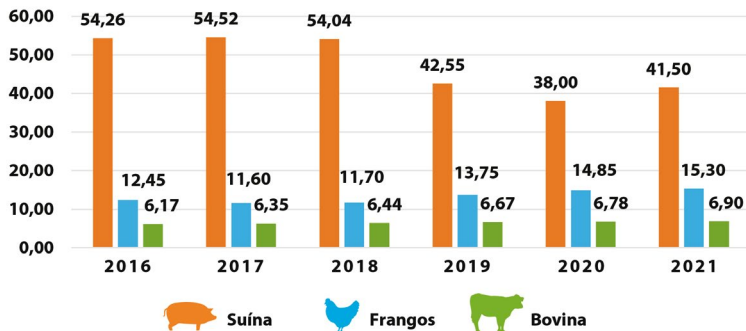
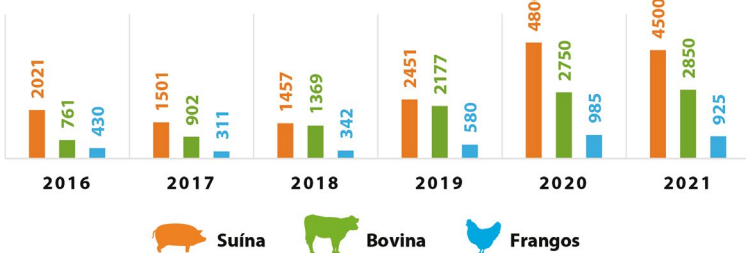


Figura 04. China: Importação de carnes, mil toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)



A PRODUÇÃO DE CARNE DE AVES NO MUNDO

A evolução da produção de carne de frangos nos países apresenta certa normalidade. Os Estados Unidos se mantêm como maior produtor e apresenta uma trajetória de crescimento. A principal novidade é o forte crescimento da China, que em 2019 tornou-se o segundo maior produtor mundial, ocupando a posição até então do Brasil. Em 2016, em decorrência do surto de Influenza Aviária, a China interrompeu a expansão da sua produção de carne de aves, mas a partir de 2019 voltou a ter expressivo crescimento, quando chegou a 13,75 milhões de toneladas. Segundo as projeções do USDA, a China deve alcançar uma produção de 15,3 milhões de toneladas em 2021. Quatro países - Estados Unidos, China, Brasil e União Europeia - concentram 60% da produção mundial. Está ocorrendo, contudo, um aumento da participação de novos países, ainda pequenos produtores, componentes do grupo indicado como "outros" na Figura 06.

A Figura 06 apresenta a participação dos países exportadores a partir de 2016 e as projeções para 2020 e 2021. Com exceção da China, os maiores produtores são também os principais exportadores. O Brasil é o maior exportador seguido pelos Estados Unidos. Juntos, estes países respondem por cerca de 60% do comércio internacional desta carne. A participação desses dois países já foi maior no passado, mas é importante observar

o surgimento de novos atores nesse mercado, o que tem aumentado a concorrência no setor. Países como Tailândia, Turquia, Ucrânia, China e Rússia passaram a integrar a lista dos maiores exportadores. A Argentina que apresentava boas condições de produção e exportação é uma importante ausência entre os maiores exportadores e tem encontrado dificuldade em crescer ou mesmo manter sua cadeia produtiva da avicultura.

As importações, por sua vez, são menos concentradas e tem melhor distribuição entre os países. Os dez maiores absorvem perto de 60% e os 20 maiores absorvem 83% das importações mundiais. O Japão continua sendo o maior importador seguido pelo México, União Europeia (que também é um exportador importante), Arábia Saudita e Iraque. A mudança mais significativa nesse mercado é a presença da China, que estava se posicionando como exportadora de carne de aves. O país em 2018 exportou 447 mil e importou 342 mil toneladas dessa carne. A partir de 2019, devido principalmente à queda da sua produção de carne suína, apresentou um expressivo crescimento nas importações de carne de frango, que devem atingir 985 mil toneladas em 2020. No entanto, o país deverá manter suas exportações e embarcar 375 mil toneladas. Com exceção deste grande impacto das compras da China, as importações dos demais países apresentaram um comportamento mais estável (Figura 07).

A AVICULTURA BRASILEIRA

O Brasil é um grande produtor e exportador de produtos da avicultura, atividade importante para o desenvolvimento econômico e social do país. Como pode ser visto na Figura 08, depois de um intenso crescimento, a produção de carne de aves superou a produção da carne bovina em 2002 e desde então tem se mantido na liderança. A carne suína ocupa a terceira posição. Entre 2000 e 2011 a avicultura de corte teve um desempenho excepcional, crescendo a taxas anuais superiores a 6%. A partir de 2012, porém, tem mostrado certa estabilidade na produção e na exportação. A dificuldade em manter elevadas taxas observadas em anos anteriores pode ser atribuída a fatores como: a) dificuldade em elevar o consumo per capita de carne de frangos do Brasil em decorrência do nível de consumo já atingido; b) dificuldade em ampliar as exportações devido à forte concorrência; c) crescimento da produção em países que eram tradicionais importadores; e d) pequena participação no rol das exportações brasileiras

de produtos prontos para o consumo, os quais têm apresentado crescente demanda no mercado internacional.

A cadeia produtiva do frango apresentou queda acentuada nas exportações em 2018 devido a "Operação Carne Fraca", que promoveu ampla divulgação de inconformidades nos procedimentos de abate e processamento, os quais foram negativos e prejudicaram a imagem e a credibilidade dos produtos carnes brasileiros no mercado interno e externo. A operação afetou as exportações do Brasil para a União Europeia, que era a maior importadora até 2017 e caiu para a sexta posição em 2018 e deve se manter nesta posição. Os principais produtos exportados para esse destino são cortes salgados ou em conserva. No entanto este mercado impõe restrições para a carne de frango *in natura*. Os produtos salgados apresentam alto valor agregado pois são compostos em sua maioria por cortes nobres como peito, coxa e sobrecoxa. Os volumes exportados apresentaram recuperação em 2019.

A exportação brasileira para a África do Sul tem sofrido com os embargos e tarifas que começaram a ser impostas a carne de frango em 2013 visando proteger a produção local. O recente crescimento da demanda chinesa será positivo para o Brasil, estimulando o crescimento das cadeias produtivas de carnes, em especial a da suinocultura, permitindo que o país aproveite seu potencial produtivo, sua competitividade e seus recursos naturais.

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial e se mantém como maior exportador de carne de frangos, beneficiando-se das vantagens competitivas que possui no cenário internacional e também do seu status sanitário. O país é livre da gripe aviária, doença que tem ocorrido em diversos países exportadores, dentre eles Estados Unidos e China. Mesmo assim o país tem reduzido sua participação nas exportações mundiais, que era de 38% em 2009 e passou a ser de 32% em 2020. Nesse mesmo período os Estados Unidos também tiveram perdas significativas na sua participação, passando de 37% para de 28%. No mesmo período a

União Europeia aumentou sua participação de 9% para 12% e a Tailândia de 4% para 7%. Turquia e a Ucrânia tinham participação próxima de zero e cresceram para acima de 3%. Estes dados mostram uma competição acirrada no mercado internacional. O Brasil, apesar dos esforços em marketing e qualidade do seu produto, encontra dificuldades em aumentar sua participação no mercado global. Isto sinaliza para a necessidade de uma profunda análise do mercado internacional visando traçar estratégias adicionais que permitam expandir os atuais mercados e acessar novos compradores.

A carne de frangos apresenta um grande potencial de consumo no mundo. Países como China, Índia, Filipinas, Paquistão, Vietnã, Indonésia, Egito, Nigéria, Bangladesch, República Democrática do Congo, que juntos representam mais de 50% da população mundial, tem consumo per capita abaixo de 13 kg, sendo na maioria deles menor de 10 kg. Esses valores, comparados a média de consumo per capita dos países membros da OCDE,

Figura 05. Países produtores de carne de frangos, milhões de toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)

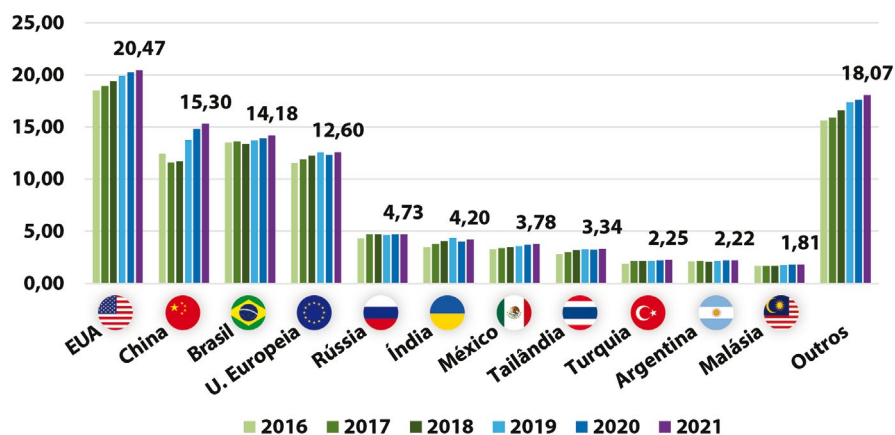


Figura 06. Principais países exportadores de carne de frangos, mil toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)

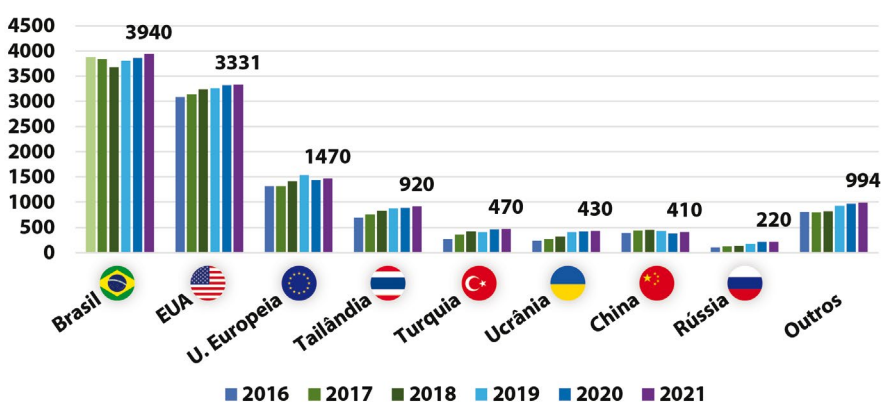


Figura 07. Principais países importadores de carne de frangos, mil toneladas, entre 2016/19 e estimativa para 2020/21 (USDA)

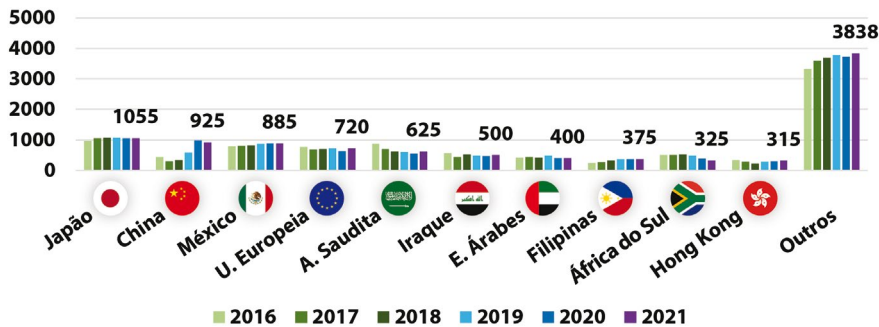
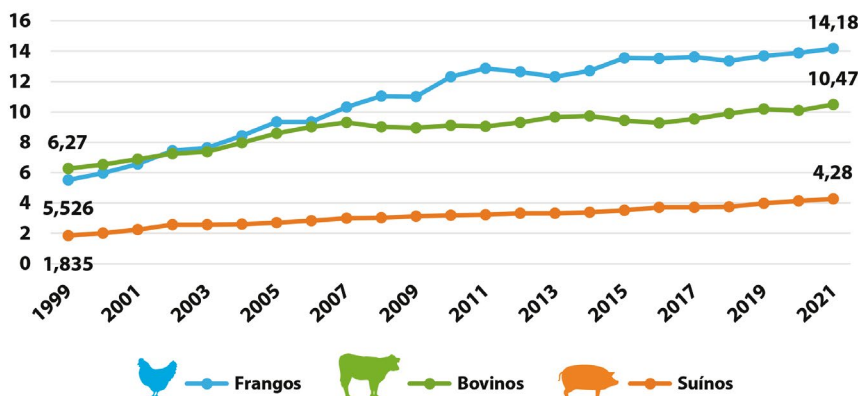


Figura 08. Produção brasileira de carne de frangos, bovina e suína, milhões de toneladas, 1999 a 2021 (USDA)



de 32 kg, indicam existir um grande espaço a ser conquistado por essa carne.

Em 2020 as exportações brasileiras caíram em relação a 2019, tanto em volume como nos preços da tonelada de carne, em dólares, como mostram as Figuras 09 e 10. Esta queda foi compensada pela desvalorização do real frente ao dólar, resultando em receitas 24,5% maiores na moeda brasileira, compensando a queda de 13,6% no valor em dólares da tonelada de carne exportada. A aparente melhoria das margens de lucro da cadeia avícola deve considerar no balanço a brutal elevação dos preços do milho e do farelo de soja que subiram 45% e 42%, comparando os valores médios do período de janeiro a novembro de 2020 com o mesmo período de 2019.

A Tabela 01 apresenta os principais destinos das exportações brasileiras nos anos de 2019 e 2020. Apesar do Brasil conquistar parte das importações da China, da Coreia do Sul e de países incluídos no grupo "outros", houve queda de 1,5% no volume e de 14,4% no valor, o que indica grande concorrência no mercado internacional. O interessante é que em 2020 praticamente todos os principais importadores de carne de frangos do Brasil reduzi-

ram tanto os volumes e como os valores das compras. Os números da nossa exportação poderiam ser piores não fosse a crescente exportação para a China.

A SITUAÇÃO DO MERCADO BRASILEIRO

A pandemia da Covid-19, que chegou ao Brasil nos primeiros meses de 2020, criou um cenário de incertezas na saúde pública e na economia. A produção agrícola foi considerada atividade essencial e, com a implantação de uma série de medidas de precaução, continuou a operar perto da normalidade. As indústrias da carne, em especial, adotaram protocolos e medidas de segurança para continuar as operações, protegendo a saúde dos trabalhadores e mantendo a inocuidade dos alimentos. O setor de transporte e logística, fundamental para viabilizar a produção e a distribuição dos bens de consumo, também se manteve em atividade, evitando problemas econômicos ainda mais sérios para o país.

Os reflexos negativos da pandemia na demanda dos alimentos, decorrem do fechamento dos restaurantes, bares e hotéis,

concentrando o suprimento nos supermercados, com o comércio de produtos de menor valor agregado, como os cortes de carne *in natura*, que não incorporam nos preços os custos de serviços de preparação e dos pontos de consumo.

O governo federal implementou medidas para mitigar a crise econômica decorrente da pandemia, como a criação do auxílio emergencial e a flexibilização parcial das medidas de isolamento. Estas medidas permitiram uma recuperação, mesmo que limitada, da renda dos consumidores e evitou uma queda maior na demanda por alimentos no Brasil.

A Figura 11 mostra a evolução dos preços das três principais carnes entre janeiro de 2019 e outubro de 2020, no atacado em São Paulo, com dados do IEA-SP. O preço da carne de frango, que é menor em relação as demais carnes, apresentou estabilidade até a segunda metade do ano quando os começaram a subir. Estes aumentos decorrem das altas nos preços do milho e farelo de soja, principais ingredientes das rações dos animais e importantes itens dos custos de produção do setor. A carne bovina é a mais nobre, de maior preço, tem um ciclo de produção mais longo e oferta mais inelástica que as demais carnes. Essa carne

tem se beneficiado da forte demanda dos importadores, com reflexo direto no preço do produto ao longo da cadeia produtiva neste final de 2020.

A carne suína mostra de forma mais nítida o efeito da pandemia, com queda dos preços nos meses de março e abril e da sua forte recuperação a partir de junho de 2020, atribuída ao crescimento das importações pela China. Nos últimos meses do ano essa carne, assim como as demais, alcançou níveis de preços com altas com recorde de elevação. O preço médio da carcaça suína, por exemplo, no período de janeiro a outubro de 2020 (R\$ 8,72/kg) foi 30% acima do observado no mesmo período de 2019. Comparando apenas os preços de outubro de 2020 (R\$ 12,38/kg) e outubro de 2019 (R\$ 7,64/kg), a elevação chega a 62%.

OS PRINCIPAIS INSUMOS

Os preços do milho no Brasil já apresentavam forte viés de alta no segundo semestre de 2019 e estão atingindo neste final de 2020 patamares históricos (Figura 12). Seu preço foi impulsionado pelo crescimento das exportações, pela demanda interna para a produção animal, uso no etanol e a forte desvalorização cambial.

O indicador de preços Cepea/Esalq, de outubro de 2020 para a região de Campinas-SP, teve cotação média de R\$ 72,71 por saca de 60 kg, valor 75% acima do de outubro de 2019. Altas ainda maiores foram observadas em regiões onde o grão é utilizado na produção de suínos e aves, por exemplo: Chapecó (+78%); Passo Fundo (+84%); Cascavel (+85%) e Rio Verde (+93%). Em novembro o preço do grão continuou a subir e a média mensal do indicador chegou a R\$ 80,48, com máxima diária de R\$ 81,41. O preço do milho apresentava discreta queda ao final de novembro, chegando em R\$ 78,31, devido a pequena valorização do real.

A produção brasileira de milho tem crescido nos últimos anos. De acordo com a CONAB, a safra de 2020 deve ser de 102,5 milhões de toneladas, 2,6% acima da produção de 2019. A safra de 2021 deverá crescer 2,3% e alcançar 104,9 milhões de

toneladas, apesar de uma redução de 2% na área plantada na primeira safra. O consumo interno em 2019 foi 69,7 milhões de toneladas com importações de 1,6 milhão de toneladas. Em 2020 o consumo deve chegar a 71,8 milhões de toneladas e as importações deverão ser menores (950 mil toneladas) devido aumento de produção no ano de 2020. Os estoques de passagem 20/21 devem ser de 9,5 milhões de toneladas, cerca de 10% menores que os de 19/20. Em 2019, segundo dados do AGROSTAT/MAPA, as exportações do grão chegaram a 42,7 milhões de toneladas. Em 2020, as exportações de janeiro a outubro atingiram cerca de 25 milhões de toneladas, permitindo projetar exportações próximas de 30 milhões de toneladas para o ano.

As incertezas climáticas, especialmente para o Sul do Brasil, ocasionaram atrasos no plantio, podendo implicar em perdas de produtividade, se refletiram nas cotações dos grãos em novem-

Figura 09. Volume e valor total das exportações de carne de frangos *in natura*, Jan a Out de 2017 a 2020 (Mdic)

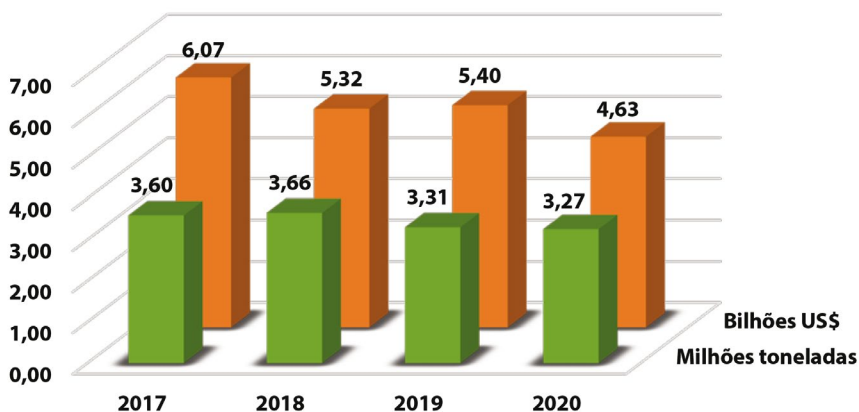


Figura 10. Valor em dólares e em reais da tonelada de carne de frangos *in natura* exportada (Mdic e Banco Central)

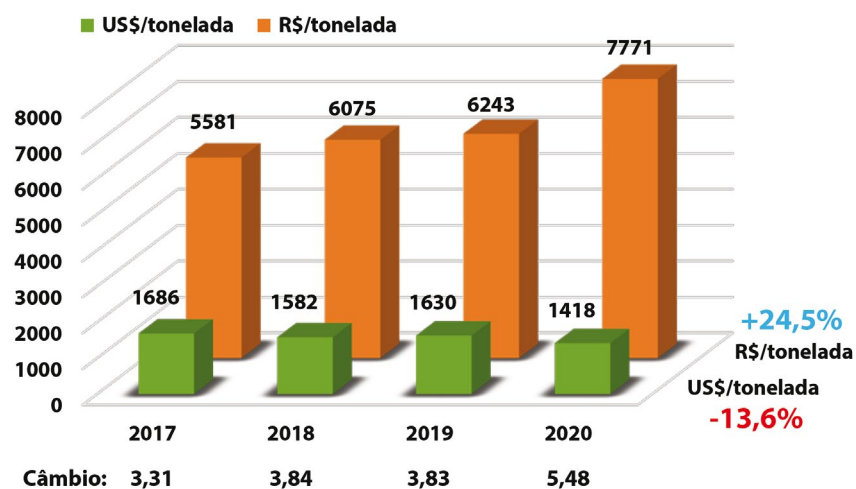











Tabela 01. Principais destinos das exportações brasileiras de carne de frangos em valor, peso e variação percentual de janeiro a outubro de 2019 e 2020

	Destino	Valor (milhões US\$)		Varição	Peso (mil toneladas)		Varição
		2019	2020	2020/2019	2019	2020	2020/2019
	China	960	1074	11,9%	459	564	22,74%
	Japão	695	558	-19,7%	361	339	-6,14%
	Arábia Saudita	681	549	-19,5%	400	376	-6,16%
	União Europeia	537	452	-15,8%	210	209	-0,83%
	Emirados Árabes	485	346	-28,6%	294	246	-16,48%
	Hong Kong	247	203	-17,9%	158	127	-19,37%
	Coreia do Sul	190	170	-10,3%	104	109	5,65%
	África do Sul	145	95	-34,3%	230	211	-8,11%
	México	169	7	-96,1%	97	14	-85,85%
	Outros	1709	1529	-10,5%	1154	1220	5,74%
	Total	5817	4982	-14,4%	3468	3415	-1,53%

Fonte: AGROSTAT/MAPA

bro. No mercado interno, no futuro próximo, a demanda pelo grão deverá ser sustentada principalmente pela expansão da produção de suínos, e em menor intensidade também pela de aves.

O farelo de soja, outro insumo importante na alimentação e nos custos de produção, também apresentou forte elevação de preços em 2020 (Figura 13). Em 2020 os preços foram sustentados pelas exportações de soja que devem alcançar 83 milhões de toneladas, crescendo 12% em relação ao anterior. A forte demanda interna para a alimentação animal e produção de biodiesel e outros produtos, também pressionam as cotações. Nas regiões de Chapecó, Passo Fundo e Cascavel, por exemplo, os preços médios do período de janeiro a novembro de 2020 aumentaram entre 45% e 50% em relação ao mesmo período de 2019. Na região de Rio Verde, o aumento foi 56%. No entanto, comparando-se cotações médias mensais de novembro de 2020 em relação ao mesmo mês de 2019, verifica-se um aumento de 111% em Chapecó, 106% em Passo Fundo, 108% em Rio Verde e 123% na região de Cascavel. Os preços do farelo continuaram a subir nas primeiras semanas de novembro – com a cotação diária da tonelada chegando a R\$ 2.850,00 na região de Chapecó e R\$ 3.220,00 em Cascavel, por exemplo – e apresentavam discreta queda na última semana do mês em função da valorização do real. Os baixos estoques, a forte demanda das cadeias de proteína animal e a elevada exportação de soja devem sustentar os preços do farelo em 2021.

vantagens competitivas em custos do Brasil em relação aos seus concorrentes e pode favorecer as exportações de proteína animal de países com déficit de insumos para ração, que importam nossos cereais.

Para a região sul, continua sendo prioritário aumentar a produção de ingredientes para ração animal, seja através do aumento da área cultivada como da produtividade das lavouras. Os Estados de Santa Catarina e em especial o do Rio Grande do Sul dispõem, no outono e no inverno, de imensa área agrícola não usada no cultivo do milho safrinha, que poderiam ser utilizadas no cultivo de cereais de inverno. O cultivo do trigo, triticale, cevada, e outros, destinados à ração animal podem aproveitar essas áreas, instalações e equipamentos ociosos e, além de gerar renda, diminuir o déficit de milho nestes Estados.

A Embrapa Suínos e Aves, Embrapa Trigo, Sindicarne SC, Feocoagro SC, Faesc, Secretaria da Agricultura estão pesquisando esse assunto e construindo uma estratégia de fomento. Em março de 2020 o governo de Santa Catarina, através do Secretário da Agricultura, lançou o Programa de Incentivo ao Plantio de Cereais de Inverno, incentivando o plantio de trigo, cevada e triticale, para uso em rações e servirem como alternativas ao milho e, também, serem uma nova fonte de renda. Estas ações devem ser complementadas com programas que ampliem e melhorem o armazenamento e a qualidade do milho nos Estados deficitários e em todo o Brasil.

O suprimento de milho é mais crítico nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que apresentam grande déficit e não contam com alternativas que viabilizem a alimentação dos animais a custos competitivos. Esses Estados dependem do cereal do Centro-Oeste, região com os maiores excedentes. No entanto, o transporte desta região para o sul incorre em elevados custos. A melhoria das rodovias, ferrovias e dos portos do Arco Norte estão possibilitando a exportação do milho do Centro-Oeste, causando um incremento dos preços na origem da produção, o que eleva o custo da produção animal tanto nessa região como nas regiões deficitárias, como no Sul do Brasil. Soluções para a redução do custo do transporte do cereal desta região para os Estados do Sul do Brasil ainda estão longe de acontecer. O aumento no preço dos cereais afeta as

Figura 11. Preços em R\$/kg no atacado de São Paulo - 2019 e 2020 (IEA-SP)

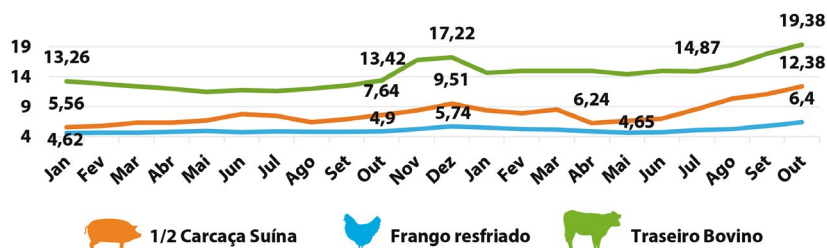


Figura 12. Preço do Milho R\$/saca 60 kg em diferentes regiões, jan 2019-out 2020 - (CEPEA/ESALQ)

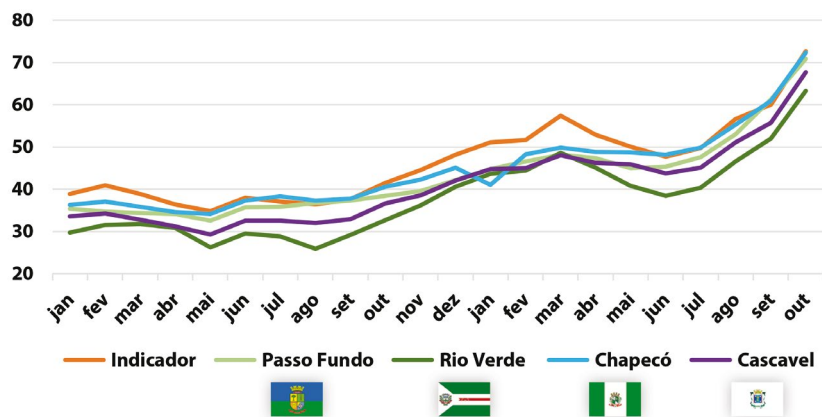


Figura 13. Preço do farelo de soja, R\$/t, em diferentes praças, 2019-2020 (CONAB/MAPA)



COMENTÁRIOS FINAIS

Finalizando esta análise, é possível antecipar que as expectativas para o ano de 2021 tanto para a economia como para o setor de proteína animal do Brasil são positivas. Obviamente, existem incertezas decorrentes da pandemia, da efetividade das novas vacinas, do comportamento do clima, do avanço das reformas estruturais em curso no Brasil e dos desdobramentos das eleições americanas. A comunidade internacional ainda avalia os efeitos das eleições nos Estados Unidos nas relações comerciais, especialmente com a China.

A aprovação da reforma da previdência, o compromisso de melhorar a gestão da economia, de encaminhar as reformas tributária e política, a estabilidade da economia e os esforços para melhorar a condição fiscal do país, por outro lado, criam um cenário favorável para a retomada de investimentos e do crescimento pleno da economia. Resolver estas questões listadas é fundamental para a economia do país e para a cadeia produtiva da avicultura. A retomada dos investimentos na melhoria da infraestrutura também é essencial para manter a competitividade da produção brasileira e para a ampliação de mercados.

No que se refere a produção animal intensiva, outro fato positivo é que nos últimos anos o Brasil vem colhendo safras crescentes de milho e de soja. Isto resolve parte da equação que é a da disponibilidade local de alimentos. Os altos preços de 2020 estão refletindo uma situação especial como um câmbio muito favorável às exportações, maior exportação pelos portos do Arco Norte, a forte demanda da produção animal intensiva, o uso dos grãos na produção de etanol e biodiesel, entre outros. Ainda nessa lógica, a enorme redução dos rebanhos suínos da China e a decisão de recuperar a capacidade anterior de produção, com sistemas produtivos de alta tecnologia, migrando para confinamento total, com uso de rações balanceadas, a base de cereais importados, deve acrescentar maior demanda por milho e soja no mercado internacional, com impacto nos seus preços.

Mesmo com essas incertezas, a expectativa é positiva para a cadeia avícola e das demais carnes do Brasil. O crescimento moderado da produção alinhado ao potencial de crescimento do consumo interno e das exportações é uma estratégia responsável a ser seguida.

A grande diversidade de locais de plantio, mesmo com algumas situações climáticas adversas, pode proporcionar safras crescentes de milho e de soja e preços mais próximos da normalidade. Assim, mesmo que o Brasil tenha uma recuperação econômica modesta, suas cadeias de produção de carnes podem continuar sua trajetória de consolidação dos avanços conquistados ao longo do tempo. ¹⁴

¹Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves